

4.

JULHO · 2018

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*



DA GUERRILHA PORTUGUESA E DA EUROPA DA GRANDE GUERRA

FROM THE PORTUGUESE GUERRILLA AND THE EUROPE OF THE GREAT WAR

Dois minhotos, dois diplomatas, dois amigos. E trinta anos de correspondência epistolar já publicada. Agora apareceram mais duas cartas, preenchendo um vácuo nesse estudo. São elas de António Feijó para o Visconde de Pindela.

Cartas do tempo da Guerra Mundial. Ao lado do sofrimento dos diplomatas portugueses, estivessem onde estivessem, longe a Pátria, para além de um dos grandes nossos poetas, a antevisão política de António Feijó, tão lucidamente premonitória da nova realidade mundial após esse grande conflito.

Two “minhotos”, two diplomats, two friends. And thirty years of their epistolary correspondence – several well-known and already published documents. Now two more original letters have appeared to fill a gap in the previous study. They belong to António Feijó and were sent to Visconde de Pindela.

Letters from the First World War. Documents that reveal the suffering of both diplomats – regardless their legation, far away from their Homeland – and show the political foresight of one of our greatest poets – António Feijó – who clearly foresees the new global reality that would emerge from the worldwide military conflict.

ANTÓNIO FEIJÓ, VISCONDE DE PINDELA,
CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR,
DIPLOMACIA PORTUGUESA,
PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

ANTÓNIO FEIJÓ, VISCONDE DE PINDELA,
EPISTOLARY CORRESPONDENCE,
PORTUGUESE DIPLOMACY,
FIRST WORLD WAR

JOÃO AFONSO MACHADO

1.

Não queria fosse excesso de otimismo meu dar por conhecido dos leitores o livro de minha autoria, saído a público em 2007, intitulado *Minhotos, Diplomatas e Amigos – A Correspondência (1886-1916) entre o 2º Visconde de Pindela e António Feijó*. Mas a sua leitura reveste-se de compreensível alcance para o acompanhamento disto que, no fundo, mais será um acréscimo ao mencionado trabalho.

Nele se transcreve, e situa e contextualiza historicamente, a escrita epistolar trocada ao longo de 30 anos entre estes dois minhotos, diplomatas e amigos - Feijó e Pindela. Creio, essa escrita seja de considerável importância para estudo da transição política portuguesa, e mesmo europeia, do século XIX para o século XX.

Depois da completa organização do Arquivo da Casa de Pindela, duas cartas mais foram descobertas: dois elos que faltavam na cadeia da correspondência entre ambos. Elas e a sua hermenêutica são o objecto do apontamento que se segue.

2.

No mencionado livro é transcrita uma carta de 14 de Dezembro de 1913, remetida pelo Visconde de Pindela a António Feijó, onde, em

determinada altura, se faz alusão a um descendente dos Senhores do Paço Vedro e da limiana Casa do Outeiro, um delator dos fiéis monárquicos então ainda em oposição armada à República.

Reproduz-se, na parte que interessa, a mencionada carta: «Foi [o Conde de Mangualde], como naturalmente sabes, traído por um pulha de nome Homero de Lencastre, que o traiu pessoalmente, depois de ter denunciado infamemente a conspiração monárquica. O que talvez não saibas é quem é o pulha. É o bastardo de uma filha de uma senhora do Paço Vedro. O João Gomes [d'Abreu de Lima] teve uma tia, irmã do Pai, D. Mariana de Abreu de Lima de Lencastre, que casou mal, com um Pereira Pinto, o qual chegou a ser director do correio de Guimarães, lugar de que foi demitido por graves irregularidades. Deste casamento nasceu uma filha, como a mãe chamada Mariana, de fraca cabeça, de cujos primeiros amores com um tal Domingos Martins, dos Martins Relhas de Guimarães, não Minotes, houve este pulha Homero, já tratado de esmolos em Guimarães: e em Âncora, pelos banhistas nobres da província, e depois educado num colégio pelo Delfim de Lima do Porto, num colégio de rapazes pobres daquela cidade. Talvez tu conhecesses em Âncora o garoto filho da Mariana Pereira Pinto e neto da senhora D. Mariana do Paço Vedro que, desde o seu casamento com o Pereira Pinto, nunca mais entrou nas casas de seus

Pais, nem nunca mais lhe falaram os do Paço Vedro e do Outeiro». António Feijó prossegue o tema nesta sua carta, até agora inédita, que se transcreve:

Stockholm, 29 de Dez. de 1913

Meu querido Amigo

Tenho tardado em responder à tua interessantíssima carta porque ando há certo tempo num estado de espírito absolutamente refractário a todo o querer de escrita. Cheguei mesmo a imaginar se teria desaparecido o meu ofício de plumitivo. Não posso porém demorar por mais tempo os nossos cumprimentos de Natal e Ano Bom e os votos que fazemos pelos sucessos e prosperidades de V. Ex.cias todos. Faço por isso um esforço sobre os deploráveis hábitos contraídos, para não afligir o meu coração, que me impunha o cumprimento deste dever. As boas festas e os votos de ano feliz vão por esse motivo muito desataviados, mas levam na sinceridade o que lhes falta em graças de linguagem.

Li nos jornais que tua Cunhada, minha Senhora, partiu para Londres, onde foi fixar residência. Não sei por isso como hei de mandar-lhe os meus cumprimentos nesta ocasião, o que muito me contraria. Vê se podes remediar a minha falta, explicando-lhe o motivo dela.

Nada tens que me agradecer pelas palavras da minha carta ao Alberto de Oliveira, a respeito do teu Filho. Nunca o meu coração me perdoaria se as não tivesse escrito. Pouco posso fazer-lhe, mas em qualquer circunstância imprevista, como Stockholm está mais perto de Berlim do que Pindela, os impulsos da minha velha amizade impunham-me esse dever. Infelizmente o Alberto não me mandou dizer onde ele mora. Vou en-

viar-lhe as boas-festas para a Embaixada de Espanha. Preocupa-me o que me disse a respeito das suas esperanças, não porque elas sejam de todo infundadas, mas porque podem prejudicá-lo sendo como são muito aleatórias. Dependem exclusivamente do acaso, e o acaso é um capricho do Destino com que se não pode contar.

Já conhecia a história de um homem do Porto, vago rebento dos senhores de Paço Vedro. Pouco fosse como eles, mas um pouco é ainda assim o bastante para incomodar o nosso velho amigo do Outeiro. Na biografia que fazes do homem enganas-te apenas no pai que lhe atribuis. Não é o tal Martins de Guimarães, mas um antigo escrivão de Ponte de Lima, que me conhecia muito bem, devoto de Baco e parceiro de batota, chamado Virgílio! Este nome te explica essa dinastia retroactiva de génios poéticos. Também conheci a Mãe, que era bem linda por sinal. Vivia então em casa de um tio por afinidade, chamado Tarraxa, mas o resultado desses amores, como o escrivão mostrou à evidência que o tio era apenas Tarraxa no nome, não lhe apertava devidamente. Também me lembro de ver em Ancora esse garotito que vivia em casa do Fernão Pinto. As más línguas diziam que ele era filho natural deste. Era decerto o pimpolho do tal Virgílio, que o Fernão Pinto recolheu por caridade. Esse Virgílio foi depois transferido para os Arcos, onde morreu não sei de quê, talvez de alguma borracheira. Deus lhe fale na alma!

Muito mais devia dizer-te para responder a todos os pontos da tua carta, mas esta já vai comprida de mais e nestes dias não tenho desgraçadamente muitos instantes de calma para conversar com os amigos. A tua Mãe e à Viscondessa,

minha senhora, à santinha da D. Ana, às tuas filhas e ao Vicente moço, eu e minha mulher enviamos os mais sinceros cumprimentos de Natal e Ano Novo, com votos pela felicidade de todos, tomando tu para ti a parte importante que nesses te dou.

Grande e saudoso abraço do teu do coração

amigo velho e muito obrigado

António Feijó

O episódio que feria a honra dos do Paço Vedro, mácula «**bastante para incomodar**» o «**velho amigo do Outeiro**», o referenciado João Gomes d'Abreu, vê-se ser já conhecido de Feijó. Todos os três – o Visconde de Pindela, João Gomes d'Abreu e Feijó haviam nascido na Década de 50 de Oitocentos. Aquela Mariana (sobrinha-neta de Gaspar de Abreu de Lima, pai de João Gomes) que se casara com o Domingos Relhas, de Guimarães, ou o Virgílio, como argumentava o autor das *Bailatas*, pertencia afinal à da sua geração. E o seu marido, «**antigo escrivão de Ponte de Lima**», «**devoto de Baco e parceiro de batota**», Feijó dá a entender ter-se dado ao trato com ele. Assim nos transportando a uma distância algo nebulosa mas ainda capaz de nos revelar próxima a sua juventude na terra natal. Oriundo de uma casa fidalga e antiga na Correlhã, não será abusivo dizer ao ramo familiar dos seus pais não chegaram grandes meios de fortuna. Dos seus dois irmãos, um – Júlio Augusto de Castro Feijó – era militar, tornara-se proprietário da Casa do Vilar, em

Lousada, onde o Poeta passava as suas temporadas em vindas a Portugal; o outro – José Joaquim de Castro Feijó – exerceu sempre a advocacia em Ponte de Lima. E, com ele, no seu escritório, António Feijó, logo após o bacharelato em Direito.

Mas, é sabido, o Poeta sempre se deu mal com a profissão forense. Foi sol de pouca dura a sua permanência nessas lides. Mesmo antes da passagem por Coimbra, do inevitável diploma académico, já Feijó deixava em Ponte de Lima as dedadas denunciadoras da sua boémia. Antes do homem triste e deslocado de Estocolmo («*os meus nervos, completamente desequilibrados, obrigam-me às vezes a exageros. Estou doente, é certo, bastante doente mesmo, mas também é certo que o principal da minha moléstia são os nervos*» - confessava-se ele, em 1907, com 48 anos, ao Conselheiro Luís de Magalhães), antes do diplomata sempre sob o peso do exílio longe das terras limianas, revelara-se o Feijó patusco, imaginativo, o autor da *História dos Carecas*, série de episódios em *O Comércio do Lima*, uma burlesca invenção que tantos levaram a sério; o Feijó compincha de João Gomes de Abreu e de tantos mais fidalgos locais, enfim, o *Opíparo Feijó*, como o apelidou Guerra Junqueiro. Jamais negando a boa mesa, bem comida e melhor regada, todas as tolices próprias da idade e da época.

E dai, talvez, o conhecimento e o à-vontade com que recordava o Virgílio «**antigo escrivão de Ponte**

de Lima», «devoto de Baco e parceiro de batota» - uma indelével marca da sua juventude na terra. Talvez as suas noitadas de estúrdia envolvessem também o Virgílio, guardado na sua memória como bêbedo e jogador.

Entre Virgílio e Homero, aliás, - essa «dinastia retroactiva de génios poéticos»... - o Visconde de Pindela não descortinou pontos de desencontro com o seu amigo, na carta que lhe dirigiu em 2 de Março de 1914 e já está publicada no *Minhotos, Diplomatas e Amigos*. Nela traçou a genealogia do delator, onde havia tanto de grotesco quando de decadente; e terminou agradecendo a Feijó os informes prestados. Supõe-se - o assunto morreria aí.

Mas a missiva do Poeta sinaliza ainda, muito avistadamente, as profundas relações de amizade com o seu interlocutor e a respectiva Família. Desde logo quando menciona os seus cuidados com a Condessa de Arnoso (cunhada do Visconde de Pindela), recém-partida para Londres. E quando justifica as sua diligências junto de Alberto de Oliveira derivadas da permanência estudantil na Alemanha de João Afonso Pinheiro o varão sucessor de Pindela. Eram todos amigos de longa data. Alberto de Oliveira, tal como Feijó, poeta (neogarrettiano) e diplomata, então na Alemanha ou em Espanha. Enfim, onde quer que o jovem Pindela, estudante de Engenharia, necessitasse do seu apoio, a tão grande distância de casa. E Feijó, íntimo - o padrinho de D.

Grácia Pinheiro, a filha mais nova dos Viscondes de Pindela - mesmo em Estocolmo logo se aprestara a estabelecer as pontes entre um João Afonso decerto pouco aclimatado e o embaixador já bem conhecedor do “terreno”

Ainda em 1914, deflagrando a Grande Guerra, António Feijó voltaria a corresponder-se com o seu amigo Pindela através desta carta - é mais um laço que se estabelece na correspondência entre ambos - até agora inédita e de seguida transcrita:

Stockholm, 3 de Nov. de 1914

Querido Amigo

Que dirá o teu espírito filosófico deste tremendo cataclismo que está varrendo a Europa?

A solidão campestre é propícia a meditações proféticas, e o teu perfeito conhecimento da mentalidade e da força teutónica, deve sugerir-te, nos intervalos das colheitas, reflexões interessantes, que muito desejava conhecer.

Por mim estou convencido de que a vitória final pertencerá ao grupo que mais longo tempo prever resistir. Batalhas decisivas numa guerra de povos, em que as forças combativas se contam por algarismos de dimensões astronómicas não é fortuna ou arma com que se possa contar. Vencer completamente exércitos de milhões de homens não me parece possível. A guerra vai durar muito tempo, e deixará a Europa em ruínas, mas dessas sairá um mundo novo. Estão em face os agentes da democracia e os poderes da obediência. O czarismo é um instrumento inconvincente dos primeiros, e a vitória será a sua missa de requiem. Os nihilistas e revolucionários assim o com-

prenderam, correndo todos a alistar-se nas fileiras dos combatentes.

Esta guerra, vista de alto, parece-me o último acto da Revolução Francesa; pelo menos é muito uma consequência dela.

Inclino-me a crer, como quase toda a gente, que a vitória final caberá à Inglaterra.

Venceu Napoleão em circunstâncias bem mais difíceis, e na Alemanha não há actualmente nenhum Napoleão, nem grande nem pequeno. Além disso, aqueles imponderáveis de que falava Bismarck e aos quais ele atribuiu acção quase decisiva, militares todos em favor da Inglaterra e da França. O ambiente que envolve o mundo está todo impregnado de espírito democrático; não há poder que resista a essa pressão atmosférica. Aqui, apesar dos perigos da hora presente, os socialistas saíram das eleições do fim de Setembro o partido mais forte da Câmara dos deputados e já penetraram largamente no Senado. Finda a guerra, não será para admirar que eles sejam chamados a constituir ministério, e a Suécia, é dos 3 países da Escandinávia, o mais conservador, o mais arreigado às tradições aristocráticas e militares.

Teremos ainda de ver grandes coisas, se Deus nos der vida e saúde por algum tempo. Não sei se na minha idade chegarei a assimilar a nova ordem de coisas, mas não gostava de fechar os olhos à luz sem ver primeiro o que vai sair deste caos.

Dá-me notícias tuas e de V. Ex.cias todos, para quem eu e a Mercedes enviamos os nossos afectuosos cumprimentos. O meu rapaz, que está um homem, começou este ano, numa escola pública a estudar preparatórios, e anda contentíssimo com a nova vida, porque nestes países o ensino reveste um caracter mais de divertimento do que de trabalho. Poucas noções mas sólidas e pratica-

mente adquiridas. E o teu João Afonso?
Onde está agora?

Aguardo as tuas notícias com o maior
interesse, com os votos mais sinceros
para que sejam boas.

Teu do coração
amigo velho e muito grato
Feijó

3.

Na realidade, António Feijó fechou «os olhos à luz sem ver primeiro» o resultado do que ele próprio intitulou «o caos» mundial: morreu em 1917 e a Guerra terminou no ano seguinte. Mas aquela circunstância só realça a visão política e a actualidade do pensar do Poeta quando congeminava além da poesia. O diplomata Feijó via claramente a realidade e distanciava-se da sua faceta mais literária, a que o imortalizou.

Por isso a sua perceptível alusão ao fim dos grandes impérios autocráticos: ao «czarismo», desde logo, mas também ao Império Germânico e, subentendidamente, ao Turco e ao Austro-Hungaro. Seria o triunfo das democracias, a complementaridade, «o último acto da Revolução Francesa».

Não que Feijó alinhasse lado a lado com a trilogia “*Liberté, Igualité, Fraternité*”. Mas o mundo dito civilizado iria modificar-se e disso ele tinha consciência. Em última instância, a vitória na Grande Guerra pertenceria ao número - «Vencer completamente exércitos de milhões de homens não me parece possível», prognos-

ticava. Além do mais, a Inglaterra já se posicionara, e a Inglaterra tinha sido a vencedora do imperador Napoleão. O número significaria o poderio da aliança dos países democráticos e, também, a força dos homens livres.

Entre a História e a Política se esvaía momentaneamente o poeta Feijó. Sustentando muito esta naquela, com toda a segurança de quem reflecte e vaticina. Socialistas suecos «eram já o partido mais forte da Câmara dos deputados»... Provavelmente, seriam chamados a constituir Governo – na Suécia, o mais conservador dos países escandinavos... Mas o amigo Vicente Pindela e o seu «perfeito conhecimento da realidade e da força teutónica» (o Visconde de Pindela estivera quase vinte anos em Berlim como ministro plenipotenciário de Portugal), valendo-se da sua «solidão campestre», «propícia a meditações proféticas», que falasse do resultado das suas «reflexões interessantes».

4.

A resposta do seu interlocutor chegou em carta datada de 30 de Novembro de 1914. Está já publicada no *Minhotos, Diplomatas e Amigos*. O antigo diplomata mostrava-se interessado da Guerra. Também ele pressentia que «um mundo morre». E preocupava-o a perda do seu sossego: por via da falta de saúde dos seus familiares e da carestia de vida causada pelos impostos lançados pela República para

custear a intervenção portuguesa na Guerra. Ele próprio o confessa a Feijó: acompanha a evolução da Europa em armas «com o interesse de um académico».

E sobre a apontada falta de um Napoleão no Império Germânico, ele, um bom entendedor do povo alemão, desenvolve a curiosa teoria de que, na Alemanha, Napoleão não é um homem mas esse mesmo povo na sua globalidade. Daí toda a sua incerteza quanto ao desfecho final da Guerra.

Acompanhá-lo-ia a seu tempo, posto haver falecido em 1922. E, curiosamente, nem António Feijó, nem o Visconde de Pindela, nas suas conjecturas, se afastaram muito daquilo que seria o rumo do mundo após a sua passagem pela vida. Chegaria o tempo dos regimes totalitários nacional-socialista, fascista e soviético; chegariam os anos da terrível Guerra Mundial; chegaria, uma vez mais, o confronto armado entre a Inglaterra e a Alemanha; chegaria, enfim, a noção plena do «mundo novo» antevisto por Feijó, depois designado o “mundo livre”.

“

*O diplomata Feijó via
claramente a realidade e
distanciava-se da sua faceta
mais literária, a que o
imortalizou.*

”